

POR UMA CLÍNICA DO ESCRITO: UMA INTERSEÇÃO DA PSICANÁLISE COM O CAMPO DA LITERATURA¹

Bruna Guaraná (Doutoranda em Teoria psicanalítica pela UFRJ)

RESUMO

Jean Allouch (1995) introduz relevante dimensão que deve estar presente no ato de ler: dar materialidade ao significante. Esse processo é chamado de “transliteração” e para o presente artigo vamos buscar entender do que se trata essa operação, entendida também como “ler com o escrito” segundo Allouch, passando por conceitos psicanalíticos como: interpretação, sintoma, além de situarmos a leitura ao lado da interpretação na prática psicanalítica. Nossa hipótese é haver uma aproximação dessa operação para com o que Haroldo de Campos, poeta e tradutor, teoriza a respeito do que chama suas “transcrições”. Em suma, haveria uma possível interseção para com o campo da literatura, e nossa intenção aqui será a de promover a dimensão da escrita que aproxima a psicanálise da literatura, presente nas formações do inconsciente com Freud e em sua retomada por Lacan, central também na prática analítica.

Palavras-chaves: transliteração; ler; escrito; psicanálise; literatura.

¹ A primeira parte do título é uma paráfrase do subtítulo do livro de Jean Allouch (1995) *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*. Tradução: Dulce Duque Estrada- Rio de Janeiro: Campo Matemático, o que não deixa de ser uma homenagem ao autor que tanto nos guia nessa leitura que buscamos retomar.

FOR A CLINIC OF WRITING: AN INTERSECTION OF PSYCHOANALYSIS WITH THE LITERARY FIELD

ABSTRACT

Jean Allouch (1995) introduces a relevant dimension that must be present in the act of reading: assigning materiality to the signifier. This process is called “transliteration” and the present article aims at apprehending what this operation, also understood as “reading with writing” according to Allouch, is about. In order to achieve that, this article revisits the psychoanalytic concepts of interpretation and symptom, besides placing the notion of reading alongside with that of interpretation in psychoanalytic practice. Our hypothesis emphasizes the possibility of drawing a line between this operation and what Haroldo de Campos, poet and translator, theorizes about what he calls his “transcriptions”. In short, there should be a possible intersection with the field of literature, and our intention here is to highlight the dimension of writing that connects psychoanalysis and literature, as that found in the formations of the unconscious with Freud and in its recommence by Lacan, also central in analytical practice.

Keywords: transliteration; reading; the written; psychoanalysis; literature.

INTRODUÇÃO

Jean Allouch, apoiado em Lacan e Freud, afirma em seu livro *Letra a Letra: transcrever, traduzir e transliterar* (1995) que há uma necessidade de introduzir nova dimensão do trabalho durante o ato de ler: dar materialidade ao significante. O fato de que essa necessidade busca sua legitimidade na própria fundação da clínica e experiência psicanalítica criada por Freud e relida por Lacan é nossa intenção neste presente artigo relembrar. E é o que também procuraremos aproximar com o que realiza a poesia e o trabalho de tradução que Haroldo de Campos chamado de “transcrição”.

As veredas percorridas por Freud são situadas por Allouch equivalentes a rios que desembocam necessariamente em uma “clínica do escrito” (ALLOUCH, J. 1995, p. 110). Freud em *A interpretação de sonhos* (1900) conferiu aos sonhos status de formação literal, considerava na sua interpretação a dimensão textual, equivalente à leitura de decifração dos hieróglifos presente em Champollion. Essa leitura freudiana *champollionesca* do inconsciente não deixou de ter consequências para a prática da psicanálise.

Uma importante consequência é incluir como objeto no método analítico com a interpretação psicanalítica, ademais do sonho na sua dimensão de escrita, a fala do paciente considerada em sua dimensão de texto sobre o sonho em análise. Ou seja, é conferida à materialidade do primeiro texto ligado ao conteúdo do sonho, uma segunda materialidade inerente à fala do paciente.

Essa manobra é definida por Allouch como “ler com o escrito” ou “transliteração”. O que também podemos aproximar da interpretação analítica, conceito-teórico prático usado por Freud e retomado por Lacan. Vamos adiante, conferir do que se trata essa especificidade de leitura.

O grande salto de Champollion, que Allouch nos mostra com detalhes, consiste em deixar de ler seus hieróglifos pelo seu valor de imagem (ALLOUCH, J.1995 p.113). Afastando-se dessa leitura, ele parte para um jogo de conjecturas, um jogo fora do sentido:

[...] onde as determinações dos valores das letras serão dadas **pelas relações das letras com os lugares**, e que permitirá a Champollion dizer “*touché*” quando a letra for por ele observada no próprio lugar onde a esperava (Ibid, p. 117). [grifos nossos]

Nesse primeiro passo do deciframento, Champollion realiza a operação sem se apoiar em nenhum sentido. Por isso trilha caminhos intrincados e cheios de detalhes, compostos de suposições e confirmações, nem todas bem-sucedidas. Compara inscrições hieroglíficas em dois textos diferentes e faz a suposição de que aquelas letras devem ser transliteradas para um novo lugar.

Por exemplo, a palavra: “Ptolomeu”, se tratava de outra inscrição criada diferente do nome de Cleópatra, pela recorrência dos caracteres e confirma a hipótese de Champollion, que passava a então se apoiar num “saber textual” (Ibid.). Existe, portanto, da escrita ideográfica para a escrita alfabética, toda uma distância que é atravessada pela operação de “transliteração”. O que de forma análoga também poderíamos pensar que ocorre na passagem da imagem onírica dos sonhos para a escrita alfabética.

Essa transposição produz um desprendimento de sentido, porque ao traduzir um hieróglifo Champollion o entende “fonograficamente” e não “pictoricamente” (Ibid, p. 127). Inaugura com isso uma tradução no deciframento a serviço da “transliteração”. Nas palavras de Allouch, “é preciso, pois, ali onde se fareja um sentido, não traduzir para transportar o sentido, mas **traduzir para ter significante** sobre o qual assentar o apoio homofônico da transliteração” (Ibid, p. 127-8, grifos do autor).

Nesse ponto ocorre a valorização de que se possam obter significantes que sirvam de material para abrigar a homofonia da transliteração. Ao contrário do que se tenderia imaginar, que o significante tem sua utilidade reduzida a função de carregar o sentido e depois perde sua função. Nesse caso, o que ocorre diferente disso é que se valoriza ter significantes que não necessariamente carreguem um sentido ou tenham efeito de significação.

Nesse campo, encontramos uma articulação dessa transliteração com o mais expressivo poeta e pensador da tradução poética que o Brasil já teve que é o Haroldo de Campos. A maturidade de suas reflexões que tem como referências teóricas, o linguista russo Roman

Jakobson, Walter Benjamin, Ezra Pound, dentre outros, compõe uma fonte generosa de conhecimento e de uma importância única que esperamos somar descobertas clínicas pertinentes em nosso campo teórico-prático da psicanálise.

O poeta durante mais de quatro décadas perseverou em sua argumentação em defesa da “especificidade da tradução de poesia, e à necessidade de entendê-la como uma empresa de natureza estética, análoga à própria criação.” (TÁPIA, M; NÓBREGA, T.M, 2013, p. XII).

Nos dias de hoje, ainda que o entendimento da tradução de poesia como recriação, ou nos termos de Campos, “transcrição”, possa estar mais bem compreendido e disseminado, a questão ainda está longe de ser superada pelo consenso: “defensores da fidelidade” em tradução (mesmo poética) como sinônimo da opção pela primazia do “significado”, ou do “conteúdo”, na preservação do “essencial” da mensagem traduzida, ainda imperam (Ibid.).

O principal intento de Campos é derrubar a ideia de “intraduzibilidade”, a ideia de que seria impossível traduzir certas obras literárias, porque elas só fariam sentido na língua original. Campos parte da ideia da tradução não como transmissão do conteúdo intelectual (significado), mas como recriação formal do significante (Ibid.).

Para tal, nota-se que o termo “transcrições” de Campos, se refere primeiramente a um processo formal. Campos desenvolveu-o ao longo dos anos, em diversos textos teóricos, e, claro, nas traduções que fez (TÁPIA; NÓBREGA, 2015). Com esse mesmo intuito se engaja na busca pelo conhecimento de línguas que permitam ao poeta-tradutor uma consciência ímpar sobre a tarefa tradutória.

Quanto a seu interesse na psicanálise lacaniana, Campos foi só muito mais tarde buscar correspondências, mas sempre pelo viés poético. Dedicou alguns textos à Lacan, mas neles sua preocupação principal não é a teoria psicanalítica em si, mas a escrita lacaniana. Haroldo enxerga na prosa de Lacan um procedimento que o aproxima do processo tradutório. É importante ter isso em mente, para não tentar enxergar na interpretação que Haroldo faz de Lacan uma longa explanação sobre conceitos psicanalíticos, que ele não faz (Ibid.).

Buscar a especificidade de como se realiza a “transcrição” de Haroldo de Campos em sua articulação com a “transliteração” nos traz inúmeras questões pertinentes ao campo da

teoria psicanalítica em sua interseção com a ciência da literatura. Como por exemplo: que consequência para a interpretação entendida como o modo de leitura privilegiado da psicanálise na sua prática, tem a ideia de “criação” necessária para traduzir o intraduzível ou em nossos termos, interpretar os “restos sintomáticos”? Como veremos adiante.

A CLÍNICA DO ESCRITO E A INTERPRETAÇÃO

Jean Allouch (1995) afirma que a clínica psicanalítica inaugurada por Freud ganhou força na sua retomada com Lacan por ele a ter colocado em ação na sua dimensão de “clínica do escrito” (ALLOUCH, J. 1995, p. 12). A expressão de Lacan, próxima ao sentido da expressão usada aqui por Allouch é a promoção da “singularidade” na clínica analítica (LACAN, J. 1954/2009, p.21). Essa “singularidade” repousa na operação que a psicanálise precisa realizar para que “um ser possa ler sua marca” (ALLOUCH, J. 1995, p.11). Essa leitura deve ser possibilitada pela também leitura do analisando construída em análise, a fim de que possa produzir ou não uma reinscrição noutra parte do ser falante.

Mas, para que se compreenda o que é a “clínica do escrito” é preciso antes se perguntar: se um sonho deve ser tomado como um texto, o que consiste no fato de se ler um sonho? E, ainda: se Lacan foi um leitor de Freud, o que significa “ler” em psicanálise?

São questões amplas, mas que pretendemos ao menos aqui lhes dar lugar e localizar sua relevância nos dois campos, tanto no da psicanálise quanto no da literatura. A “clínica” a que nos referimos aqui é o equivalente a prática psicanalítica, que tem como objeto principal o inconsciente, que se articula por meio da fala do sujeito e das suas formações do inconsciente. Em uma análise, a direção do tratamento busca dar lugar ao inconsciente no discurso do sujeito através dos efeitos de interpretação que possam vir a ter as formações do inconsciente que serão endereçadas ao analista.

Logo, em um primeiro momento, se temos alguma coisa para ler ou decifrar estará do lado do “desejo inconsciente” que ultrapassa a barreira da censura, para fazer sua aparição através das cenas oníricas, ainda que sob alguma forma de disfarce (FREUD, S. 1900/1986, p. 141). E a palavra teórico-prática usada para esse fim é a interpretação. A interpretação se

tornou um conceito bastante elaborado por Lacan, e ainda que Freud o tenha usado no *A interpretação dos sonhos* (1900) em seu sentido mais amplo, era equivalente ao que Freud chamaria de “construções”, e se tratava de um artifício clínico que buscava tornar presente algo da dimensão do inconsciente nas entrelinhas do discurso do indivíduo. Em outras palavras:

[...] após a comunicação de uma **construção** não podemos precisar se acertamos ou não. É tanto mais interessante notar que existem modos indiretos de confirmação nos quais podemos nos fiar absolutamente. Um deles é uma fórmula usada pelas mais diferentes pessoas sem quase modificar os termos, como se fossem combinadas. Ei-la: *Nunca tinha pensado nisso (ou terá) pensado isso (ou nisso)*. Sem hesitar, pode-se traduzir essa expressão por: sim, nesse caso você tocou no ponto, no inconsciente. (FREUD, S. 1937, p. 273) [grifo nosso]

Para que a “construção” ou “interpretação” do analista seja bem-sucedida é necessário que toque o ponto inconsciente ou veicule algo do inconsciente. Porém é interessante notar, segundo sinaliza Regnault (2001) que, Freud em sua época sabe que não poderia outorgar às construções um caráter de “verdade” absoluta, já que o que se quer fisgar ou agarrar é da ordem do efêmero, e não se deixa acaçapar por completo.

Por essa propriedade o inconsciente quando se apresenta o realiza de forma transfigurada, seja pela denegação, como o exemplo acima de Freud, ou outra espécie de deformação. Regnault: “De todo modo, a construção propicia demasiado sentido. Ela omite a dimensão da mentira, e supõe o paciente de boa-fé. Tem algo de positivista.” (REGNAULT, F. 2001, p. 54).

Compreende-se então, porque Lacan prefere “interpretação” ao invés de “construção”, já que: “[...] a interpretação escapa ao discurso mentiroso, ou melhor, o abrirá a sua própria dimensão pelo efeito de surpresa, de retorno, que ela produz.” (Ibid.). Por isso o essencial da interpretação segundo as palavras do próprio Lacan é que: “[...] ele [o paciente] veja, além da significação, a qual significante – sem sentido, irreduzível, traumático – ele está como sujeito, assujeitado.” (LACAN, J. 1964, p. 127)

É importante para que a “interpretação” alcance o seu efeito que não unicamente se dirija à dimensão do sentido do significante, mas sim que, para além do sentido atinja o significante reduzido ao seu sem sentido. Ou seja, somente atingindo a face do significante isolado de seu encadeamento que produza sentido, que se possa presentificar algo da dimensão inconsciente, mas que aliena o sujeito e o sobre determina, aquilo o qual ele não se percebe *assujeitado*. O que também é confirmado com a seguinte afirmação de Lacan do mesmo ano: “A interpretação não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito.” (LACAN, J. 1964, p. 201)

Porém, o que se verifica é que essa dimensão da interpretação já se encontrava presente em Freud no que ele se referia, além do termo “construção”, ao termo “decifração”. Termo esse à moda de Champollion, que merece ser aqui citado, pois a decifração nesse caso apesar de parecer se remeter a um outro sentido que seria revelado e tido como oculto, também é explicitada por Allouch em sua aproximação com a “transliteração”.

François Champollion (1790-1832) é citado por Freud por ter sido o primeiro homem a decifrar os hieróglifos egípcios. A importante leitura empreendida por Champollion dos hieróglifos, a partir do qual eles eram “lidos” de alguma maneira, foi usada por Freud para se referir à sua leitura dos sonhos. (FREUD, S. 1910/1969-80, Vol. XI). Concordamos com Allouch (1995) que tanto em Freud quanto em Lacan o emprego dos termos “tradução” ou “transcrição” é mal explicitado. Cito:

Assim, Freud fala, a propósito da interpretação dos sonhos, em ‘tradução’, mas só para corrigir-se, dizendo que não se trata, falando propriamente, da transmissão de um sentido de uma língua para a outra, mas sim de um **deciframento**, tal como o de Champollion. Certamente decifrar não é traduzir, mas foi preciso observar a transliteração na decifração de Champollion, bem como no trabalho de elaboração do sonho, para poder, a partir daí, definir o que era focalizado pela tradução e pela transcrição. (ALLOUCH, J. 1995, p.14) [grifos nossos]

Aqui Allouch (1995) afirma a hipótese que adotamos sobre a operação de decifração realizada por Champollion ser ela mais próxima de uma operação de “transliteração”. O que se deve em parte pelo fato de que, Champollion para decifrar não se apoiava só no sentido

como referência, mas sim considerava as seguintes relações topológicas: “[...] **pelas relações das letras com os lugares**, e que permitirá a Champollion dizer “*touché*” quando a letra for por ele observada no próprio lugar onde a esperava” (ALLOUCH, J. 1995, p.117). [grifos nossos]

Aqui podemos comparar o trabalho de análise com as decifrações que realizava Champollion, não há dúvidas, segundo Allouch, de que o analista parte de suposições e começa jogar as cegas, como em uma espécie de “certeza antecipada” próximo ao que dizia Freud serem as “construções” que podem também estarem equivocadas, mas que sem elas nada acontece. Até que seja necessário em análise o momento de dizer “touché”, momento esse que confirma as suposições, agora já fundamentadas num certo saber textual sobre a língua do sonhador.

O SINTOMA

O saber textual adquirido pela leitura do inconsciente como vimos está pautado nos lapsos, atos falhos, os chistes e os sonhos, e que podemos qualificar de aparições efêmeras, pois não duram no tempo, ainda que veiculem um sentido de verdade que tem efeitos de interpretação, mas que se eclipsa rapidamente. Fato este que difere do sintoma freudiano, que também pertence a essa série já que é passível de interpretação e costumamos atribuir-lhe o sentido de encerrar uma verdade do sujeito, mas não é efêmero (FREUD, S. 1916/19865, Vol. XVI). Assim, introduzimos a dimensão do sintoma, que se fez necessária para que possamos circunscrever um elemento privilegiado no campo da experiência analítica onde incide os efeitos da interpretação.

O sintoma, segundo J-A Miller (2011), a diferença das demais formações do inconsciente para que exista é preciso que dure, como por exemplo, um sonho quando se torna repetitivo, vira um trauma, ou quando um ato falho se repete excessivamente se torna sintomático, inclusive se torna uma ameaça a todo o estabelecimento da vida de quem padece desse sintoma. O sonho ou qualquer outra formação do inconsciente mudam de estatuto

quando se tornam repetitivos. Nos termos de Miller: “o sintoma é um Janus, tem duas caras, uma cara de verdade e uma cara de real.” (J-A MILLER, 2011, p. 3).

A dupla face do sintoma, se por um lado se interpreta como se interpreta um sonho, ou seja, é tributário do sentido, há sentido em jogo para que ele exista², por outro, a sua outra face revela que paradoxalmente se constata a sua persistência. J-A Miller:

É, com efeito, um paradoxo se o sintoma é pura e simplesmente um ser de linguagem. Quando temos de nos haver com seres de linguagem na análise, os interpretamos, quer dizer, os reduzimos. [...] O paradoxo aqui é o do resto. Há um x que resta mais além da interpretação freudiana. (Ibid.)

Essa constatação é o que levou Freud a afirmar após inúmeras tentativas de explicação desse paradoxo, que há sempre um “resto” que vai subsistir ao final de uma análise, o que chamou de “restos sintomáticos” (FREUD, S. 1937, p. 284). Hoje a prática analítica, com Lacan tirou mais consequências e foi além desse obstáculo localizado por Freud, que o fazia afirmar em um de seus últimos artigos sobre a técnica *Análise terminável e interminável* (1937) que uma análise poderia decorrente disso se infinitizar e não chegar nunca a seu fim, sempre podendo ser relançada.

O que foi comentado por J-A Miller da seguinte maneira: “Freud chocou-se com o real do sintoma, com o que do sintoma é fora de sentido.” (MILLER, J-A. 2011, p.3). Ou seja, porque de alguma forma Freud havia se defrontado com o que já não mais se tornava passível de ser interpretado. E era com esse ponto resistente, incurável de certa maneira, que a interpretação pelo sentido já não mais obtinha efeitos, que Freud, segundo Miller se situava assim: “A análise nesse período se dá pela confrontação direta do sujeito com o que Freud chamava de restos sintomáticos.” (Ibid.).

Por esse motivo, se podia dizer que como restava algo que não podia ser interpretado, esse “resto” é o que sempre podia relançar a possibilidade de uma análise não ter um ponto de parada. E é interessante constatar, diante disso que, segundo Miller (2011):

² Mais sobre a interpretação, sua lógica e relação com o sintoma analítico, ver em: Chamorro, Jorge. (2011) *Interpretar!* Buenos Aires: Grama Ediciones.

Para Freud, como ele partia do sentido, isso se apresentava como um resto, esse resto é o que está nas origens do sujeito, é, de algum modo, o acontecimento originário e, ao mesmo tempo, permanente, quer dizer, se reitera sem cessar. (Ibid.)

Por isso é importante lembrar que esses restos sintomáticos ou o *real* como denominou Lacan não só existem ao final de uma análise, como coexistem desde as origens da formação do sujeito. E desde então insistem em não se dobrar ou não se deixar reduzir completamente pelo sentido. Tal como a definição dada por Lacan para o *real* no seu *Seminário 20* (1973), do lado da categoria modal do impossível como aquilo que: “*não pára de não se escrever*” (LACAN, J. 1973/2008, p. 65).

A LEITURA

Por levar em conta esse “real” que Jacques-Alain Miller, assim como Lacan nos convida a que possamos promover uma inversão, ao invés de buscar “interpretar”, no sentido de produzir sentido, ou para promover o sentido oculto por detrás do que se apresenta, que possamos “ler” o sintoma. Aqui J-A Miller (2011) entende o “ler” próximo da dimensão do significante isolado, sem necessariamente se ligar a outro significante que gere um sentido.

O texto de Miller (2011) que tem como título “Ler um sintoma” instaura uma importante direção clínica que fundamenta a “clínica do escrito” sobre o que diz a respeito do “saber ler”. J-A Miller afirma que: “A leitura, o saber ler consiste em manter a distância, a palavra e o sentido que ela veicula, a partir da escritura como fora de sentido [...] como letra, a partir da sua materialidade.” (Ibid.).

O conceito aqui mencionado de “letra” não é tão definido ao longo da obra de Lacan e esse significante é usado em diferentes acepções, inclusive como suporte do significante, mas a acepção que aqui queremos demarcar é a ideia de “letra” próxima da introduzida pelo escrito de Lacan *Lituraterra* (1971) e também presente no *Seminário 20* (1972-73). Ali onde a “letra” figura como “litoral”, como aquilo que faz a “borda do furo no saber” (LACAN, J. 1971, p.18). No sentido de que ali onde não mais saber inconsciente a ser desvelado, a letra

encerra aquele ponto cego, como o “umbigo dos sonhos” de Freud, que por essa mesma razão pode ser receptáculo para o sujeito da pulsão que não se articula mais em sentido (Ibid.).

Essa perspectiva inaugura uma definição apenas esboçada aqui de “leitura” próxima da própria escrita “criativa” ou “inventiva”, já que promove uma cifração do *real*³ por meio da linguagem. Sobre isso, Haroldo de Campos será nosso autor poeta de referência para nos introduzir nessa investigação que aqui vamos apenas introduzir. Campos cita uma frase de J. Sala Subirat, o tradutor para o espanhol de *Ulysses* de James Joyce, que diz tudo a esse respeito: “Traduzir é a maneira mais atenta de ler.” (CAMPOS, II. 1962/2003, p. 14 *Apud.* Ronái, P. p. 68).

Isso porque o desejo de ler com atenção, de penetrar melhor nas obras complexas e profundas é responsável muitas vezes por gerar uma nova escrita a partir do que se descobriu na leitura. O destaque dado por Campos dessa fala de Subirat não é à toa, e faz parte do que ele entende como a própria definição do que seja a tradução. Campos:

Tradução de poesia é, pois, substituição de um código especialíssimo e fragilimo por outro de análoga natureza e propriedades. Trata-se de um complexo *decifrar* para um novo e complexo *cifrar*. [...] donde só é possível traduzir poesia através da ‘transposição criativa’. (CAMPOS, II. 1962/2003, p.24) [grifos do autor e nossos]

A decifração proposta aqui por Haroldo de Campos é análoga à realizada por Champollion já citada, a qual se baseou Freud para descrever o que ele realizava em sua *A interpretação de sonhos* (1900) não é guiada pela significação, que poderia servir de referência para tradução de uma língua por outra. Mas, diferente disso, o movimento de decifrar, para depois voltar a cifrar, nos remete à dimensão do retorno da cifra após a anterior ter sido desnudada. Como de uma relação que estabelece a construção da sintaxe de uma determinada língua poder-se transpor para outra língua, essa lógica e efeito linguístico obtido. A resposta à primeira vista de Campos é “recriando”.

³ Esse famoso conceito de “real” inventado por Lacan designa sentido próximo ao de gozo usado na citação de Laurent, Eric. (1988/1990, p.106) E, também inspirado no “isso” freudiano.

Lacan à sua maneira também precisou “recriar” uma leitura das obras freudianas, o que ele chamou em um primeiro momento como o “retorno à Freud” (LACAN, J. 1954, p.11). A sua transmissão para realizar essa leitura acedeu a outros campos do saber, como a linguística, filosofia e matemática. Não porque tivesse ido buscar um saber externo à psicanálise para entendê-la, mas porque para adentrar na sua lógica interna precisava traduzi-la em outros termos.

O que se evidenciou com todo seu esforço nas construções dos matemas, grafos, esquemas numéricos e etc. Com eles lia os chistes mais comentados de Freud, e todas as demais formações do inconsciente. Lacan se fez vítima do escrito como refere Allouch (ALLOUCH, J. 1995 p.12). Por isso, não “leu” Freud guiado primordialmente pelo sentido, mas o fez com a ajuda de outra teoria ou escrita. Leu o texto de Freud com outro escrito do lado, é o que Allouch chamou de “ler com o escrito” (ALLOUCH, J. 1995, p.12).

O PROTAGONISMO DO TEXTO

Fazer o texto, no sentido que aqui estamos veiculando, aceder a um protagonismo foi o que nos havia orientado Freud a partir da sua descrição do método psicanalítico:

[...] quando interpretamos um sonho, ignoramos o sonho como um todo e derivamos associações dos seus elementos em separado [...] se colocar diante dele [o paciente] o sonho fracionado, ele me dará uma série de associações para cada fração, que poderiam ser descritas como o ‘pensamento de fundo’ dessa parte específica do sonho. (FREUD, S. 1919/1986, p. 202)

O convite de Freud é que as partes, fragmentos, ou elementos como significantes possam servir de isca para que o paciente associe livremente. A sua associação livre a partir desses “elementos” será a chave da “leitura” do sonho. Ou seja, a interpretação dos sonhos aqui não se baseia em encontrar um paralelo de sentido para cada um desses “elementos” ou fragmentos, mas sim interpretá-las a partir do seu “pensamento de fundo”. Interpretar o material onírico já textual, a partir de outro texto, o que aqui é expresso pela fala ou associação livre do paciente.

Essa abordagem freudiana é o que justifica sua escolha pela expressão “análise” que composta com “psico” inaugurou a “psicanálise”: “*Analizamos* o doente — isto é, dividimos os processos mentais em seus componentes elementares e demonstramos esses elementos instintuais [pulsionais] [...] (FREUD, S. 1919 [1918], p. 202). Para Freud, na vida psíquica é necessário que se realize uma “análise” dos componentes que compõe o sintoma, as moções pulsionais, etc. Análogo ao que Regnault lembrou serem: “os elementos da química são, em relação aos sonhos, como os elementos da Lógica, as categorias da gramática e as articulações da sintaxe.” (REGNAULT, F. 2001, p. 36)

Por isso, com o que Freud se importa é com as articulações entre esses elementos, como eles se articulam para promoverem sentido. Por exemplo, em “O Homem dos lobos” afirma que o que é mais importante na análise de um sujeito é a rememoração da sua história e seu passado. E o que chama atenção de Lacan é que nessa rememoração o que conta não é reviver exatamente o ocorrido, mas a “reconstrução” da sua história:

Há aí algo absolutamente notável, e que se seria paradoxal se, para aceder a isso, não tivéssemos a percepção do sentido que isso pode ter no registro da palavra, que eu procuro aqui promover como sendo necessário à compreensão de nossa existência. (LACAN, J. 1954, p. 23)

Na reconstrução da sua história algo se tece no nível da palavra que determina nossa existência. Para ter acesso a isso, Allouch afirma a necessidade da psicanálise criar um “método” ou “técnica” que possa garantir a promoção na experiência analítica de um terceiro elemento. Esse terceiro termo seria a palavra. Pois, se a palavra deve ser tomada como ponto central de perspectiva é por se situar numa relação a três e não a dois na experiência analítica.

O terceiro elemento entre o par analista e o analisante é a fala do analisante, entendida como seu texto e em última instância a palavra, o que pode nos deixar entender melhor como a interpretação baseada no imaginário das profundezas começa a perder a força. Nesse terreno onde o texto detém o protagonismo das ações é necessário que ele seja considerado nos seus mais mínimos detalhes, sem censuras. Por isso, a investigação dos pormenores do delírio de Schreber ou dos fragmentos do Caso do pequeno Hans, André Gide e etc, prometem melhores evidências do que está em jogo, do que a sua *gestalt*.

Novamente aqui o protagonismo dos fragmentos de texto nos remete a sua materialidade, nos termos de Lacan:

Se há alguma coisa que possa nos introduzir na dimensão da escrita como tal, é nos apercebermos de que o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve. **O que se ouve é significante.** O significado é efeito do significante. (LACAN, J. 1973/2008, p.39) [grifos nossos]

Nesse trecho, Lacan afirma que a nossa escuta tem como objeto irremediável o sentido naquilo que escuta, porém aponta para o que se escuta para além disso, e que está no próprio significante que produz o sentido, mas que aponta para a sua dimensão em desconexão com o sentido. Parecido com o que Miller já anteriormente nos havia proposto: ao invés de interpretar o sintoma, entendido como desvelar o seu sentido oculto, é preciso ler o sintoma, ler do lado do cifrar, ao invés do decifrar. Como ler sem sermos influenciados pelo sentido veiculado nessa leitura é o que talvez Campos possa nos ensinar.

Nossa hipótese é que para ouvir além do único sentido é preciso considerar a materialidade do que está em jogo, ou nos termos de Campos “transliterar” ou “transcriar”, operação que com veremos, intervém na leitura ligando o escrito ao escrito.

A TRANSLITERAÇÃO E A "TRANSCRIÇÃO" DE CAMPOS

A “transliteração” se aproxima ao conceito de “letra” em Lacan e é uma operação simbólica que se verifica em cada caso estar articulada a duas outras operações que são a tradução (significado) e a transcrição (significante). Caberia verificar como se articulam essas três operações, o que não vamos por ora nos deter mais a fundo.

Passaremos ao campo literário para esboçar a proximidade da transliteração com a forma como foram produzidas as invenções de Haroldo de Campos. Vamos considerar os ensaios reunidos em *Transcrições*, que estão dispostos em sequência cronológica e segundo

comentadores delineiam a passagem de uma argumentação estruturalista para uma argumentação pós-estruturalista (Mello, S. 2013).

Em “Da tradução como criação e como crítica”, escrito em 1962, Haroldo de Campos define a atividade tradutória como uma desmontagem e remontagem da máquina da criação, como a passagem de “um complexo decifrar para um novo e complexo cifrar” como já havíamos citado. É incrível aqui aproximação para com a concepção freudiana das decifrações dos hieróglifos de Champollion.

Em 1983, o teórico-tradutor afirma que:

[...] os critérios intratextuais que enformam o *modus operandi* da tradução poética [podem] ditar as regras de transformação que presidem à transposição dos elementos extratextuais do original ‘rasurado’ no novo texto que o usurpa e que, assim, por desconstrução e reconstrução da história, traduz a tradição, reinventando-a. (CAMPOS, H. 1983, p. 59-64)

O *modus operandi* que aqui é justamente o que se refere Campos ser a contracorrente dos critérios intratextuais que ditam regras, mas não sem dispensá-los. Já que é a partir deles que se produz a rasura que tem como consequência promover a desconstrução do que estava prévio originalmente e dessa maneira também ceder espaço à invenção.

Campos nas suas traduções criativas dos textos poéticos faz tentativas de recriar em uma língua aquilo que foi feito em outra. É o que segundo Simone Homem de Mello, coordenadora do Centro de Referência Haroldo de Campos, se encontra presente em obras como “Metalinguagem” (1967); “Deus e o diabo no Fausto de Goethe” (1981) e “Transblanco” (1985).

A criação paralela e autônoma em relação ao original, mas que ainda assim se mantém recíproca é a que Haroldo chama de “transcriação”. Uma tentativa de recriar em outra língua aquilo que foi feito em uma primeira língua de maneira criativa e poética. Por isso seu interesse pelo estudo de línguas novas, porque a linguagem funciona justamente como uma maneira de ampliar seu escopo de possibilidade poética.

Sobre a “Tarefa do Tradutor” de Walter Benjamim, Campos vai afirmar que o: “tradutor de poesia é um coreógrafo da dança interna das línguas, tendo o sentido [o

'conteúdo'] [...] [apenas] como bastidor semântico ou cenário pluridesdobrável dessa coreografia móvel." (CAMPOS, II. 1981, p. 181).

Os termos: "recriação", "transcrição", "reimaginação", "transtextualização", "transfuncionalização", "transluciferação": também são utilizados por Haroldo para conceituar a tradução como uma criação inédita ao original. O que configura uma noção transgressora, na medida em que suspende qualquer subserviência do texto traduzido em relação ao original e abre a perspectiva de que a "transcrição" chegue a se tornar – por um momento – o original do original (MELO, S. 2013).

Com todas essas possibilidades que Haroldo nos abre, e esse vasto terreno poético ao qual aqui apenas referimos, e a título de conclusão vamos colocar que a ambição deste artigo é nos deixar interpretar pela "transcrição" de Haroldo pela sua proximidade com a "transliteração" definida por Allouch. Para daí pensar nas incidências desse aprendizado que Haroldo nos proporciona no que há de intraduzível do sintoma e sua interpretação na teoria psicanalítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos desde o início como o inconsciente que funda uma clínica psicanalítica nos seus primórdios depende de sua dimensão escritural, sem essa dimensão que também funda uma leitura, não teríamos as formações do inconsciente, seres de linguagem e palavra. As formações do inconsciente são o que produz uma rachadura na narrativa oficial do eu, que o define como identidade e nos atenta para o que ali pode se escrever para além daquele sentido pré-determinado.

Uma escrita que acolha essa rachadura precisa emprestar seu material significante fora da cadeia para alojar ali o que não tem lugar no discurso corrente. É o que tentamos apontar como sendo a operação contida na transliteração que busca produzir significantes que possam alojar uma espécie de tradução do intraduzível. Como foi o caso dos hieróglifos de Champollion e do processo descrito por Haroldo de Campos como de "transcrição".

Nossa intenção não foi entrar a fundo nas traduções realizadas por Haroldo, mas promover a necessidade em falarmos de uma “clínica do escrito”, expressão usada por Allouch. Necessidade que se pode acompanhar em sua relevância nos desdobramentos conceituais dentro do campo da psicanálise, desde a interpretação, até o sintoma e seus restos que não se prestam mais a interpretação. O que nos aproxima do campo das artes e especialmente da literatura.

A aproximação da transliteração com as “transcrições” de Haroldo de Campos, o primeiro entendido como processo de tradução de uma língua a outra sem ser guiado pela primazia do sentido, assim como o segundo. E a importância dessa dimensão para a interpretação tanto na prática analítica, como no seu estudo. O que funda uma leitura baseado no “ler com o escrito” que privilegia a articulação dos significantes entre si, sem necessariamente no que eles possam formar de sentido.

Toda essa operação interessa a Campos e também ao campo da interpretação na psicanálise, tanto no seu caráter de investigação como prático, por essa razão esperamos ter realizado uma introdução que instigue aos que desejam assim seguir por esse caminho.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, Jean. *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*. Tradução: Dulce Duque Estrada- Rio de Janeiro: Campo Matémico, 1995.

CAMPOS, Haroldo. *Galáxias*. São Paulo, Ex-Libris, 1984.

_____. *Tradução, ideologia e história*. Cadernos do MAM, número 1. Rio de Janeiro, dez, 1983, p. 59-64.

_____. *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CIAMORRO, Jorge. *Interpretar!* 1ed. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2011.

FREUD, S. Edição standard brasileira das *Obras psicológicas completas* de Sigmund Freud, ESB, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

_____ (1900-1901/1986) *A interpretação de sonhos*. Vol. IV e Vol. V

_____ (1916-17/1986) Conferência XVII *O sentido dos sintomas*. Vol. XVI.

_____ (1919 |1918|) *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*. Vol. XVII.

_____ (1937/1986) *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII.

LACAN, J. (1953/1998) “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1953-54/2009) *O Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud*. Pp.101-122; pp.339-355.

_____ (1957-58/1999) *O Seminário 5: as formações do inconsciente*.

_____ (1957/1998) A instância da letra ou a razão desde Freud. In: *Escritos*, p.496.

_____ (1961-62/2003) *O Seminário 9: A identificação*. Inédito. Tradução: Ivan Corrêa e Marcos Bagno-Recife: Centro de estudos freudianos do Recife.

_____ (1972-73/2008) *O Seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MELO, Simone Homem. *Haroldo de Campos, o constelizador*. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/09/haroldo-de-campos-o-constelizador/>

MILLER, J-A. (1996) *Del síntoma al matema. Puntuaciones. La singularidad del síntoma*, Lectura lacaniana, p. 311. “Inhibición, síntoma y angustia”, p. 315. Conferencias porteña: tomo II. Buenos Aires: Paidós, 2009.

_____ (2011) *Ler um sintoma*. Disponível em: http://www.ebpsp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=579:ler-um-sintoma-jacques-alain-miller&catid=23:textos&Itemid=54

REGNAULT, François. *Em torno do vazio: a arte à luz da psicanálise*. Trad. Vela Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

TÁPIA, Marcelo e Thelma Médici Nóbrega (Orgs.) *Haroldo de Campos - Transcrição*. Ed: Perspectiva, 2013.

VIEIRA, Marcus André. *Sobre o Seminário V de Jacques Lacan e sua teoria clínica da significação* (ou o chiste e sua relação com as formações do inconsciente). In: MOTTA, M.